

Sarney defende as indiretas para 1984

Da sucursal do
RIO

O presidente do PDS, senador José Sarney, assegurou ontem no Rio que as eleições diretas para a Presidência da República "não fazem parte da plataforma do partido" e, ao ser indagado sobre a realização das eleições de governadores em 1982, ironizou: "Esta pergunta já está tão batida que acho que só vindo para crer nas eleições para governador".

Sarney negou que tenha ficado alheio ao problema da escolha do presidente da Câmara, saindo de Brasília nos dias que antecedem a eleição a ser realizada no dia 26, sendo candidatos Nelson Marchezan e o dissidente Djalma Maranhão. "O PDS está acompanhando o deputado Nelson Marchezan em suas viagens e dando-lhe o apoio necessário. Eu já viajei com o deputado, o secretário-geral do partido, deputado Prisco Viana, também, além de vários outros membros do diretório nacional. Temos um empenho óbvio e nossa aspiração é mais do que justa, pois em todo o mundo a bancada majoritária dá o presidente da Casa".

Em sua visita ao Rio para ouvir o PDS local, dentro do roteiro que realiza para elaborar relatório da situação do partido por solicitação do presidente João Figueiredo, Sarney encontrou a agremiação dividida entre a facção oficial do bionico Amarel Peixoto e a oficiosa, do médico Guilherme Romano. Embora o senador negasse a existência do problema em sua entrevista coletiva, membros de sua comitiva confirmavam o desacerto, prometendo soluções: "Muita gente está abandonando, mas nós viemos aqui como bombeiros".

Segundo um dos acompanhantes de Sarney, o problema "será discutido nos próximos dias em Brasília, para se chegar a uma solução". A mesma fonte

ressalvou porém que o "simples fato de Amarel Peixoto ter conseguido estruturar o PDS no Estado do Rio já é um início de acerto".

Acompanhado de Prisco Viana, de seu chefe de gabinete Reinaldo Barros e de Amarel Peixoto, José Sarney chegou à sede fluminense do partido às 10h35, recebendo de manhã cinco deputados estaduais e cinco federais.

Enquanto o presidente do diretório local do PDS evitava declarações concretas sobre a situação do partido, seu genro, o prefeito de Niterói, Wellington Moreira Franco, revelava que Sarney lhe mencionara como candidatos a candidato ao governo do Rio os nomes de Sandra Cavalcanti, Marcos Tamayo, Mário Andreazza e o seu próprio. "Todos são bons — comentou Moreira Franco —, mas Sandra Cavalcanti não é do PDS e a coligação é um problema sério que deve ser discutido e aprofundado."

Ao conceder entrevista coletiva, José Sarney irritou-se com as perguntas dos repórteres sobre a situação de Guilherme Romano, coordenador do partido ligado ao chefe do Gabinete Civil, general Golbery do Couto e Silva: "Isso é uma entrevista, não um interrogatório. O doutor Guilherme Romano é um colaborador do partido, meu amigo e de todos nós, que já me garantiu não ter aspirações a cargos".

Depois de garantir que o PDS "não está cindido no Rio", onde há "apenas condições peculiares, já que o partido é oposição", Sarney mostrou-se otimista em relação à participação da agremiação nas eleições para governador do Estado: "Não há partido condenado definitivamente à derrota ou à vitória, principalmente faltando tanto tempo para o pleito. Nós estamos trabalhando, começamos antes das oposições e não há razão para pessimismo. Vejo os problemas das oposições muito maiores do que os nossos".